



## Saúde sexual de adolescentes no contexto brasileiro

Adolescent sexual health in the Brazilian context

Salud sexual de los adolescentes en el contexto brasileño

Caylanne Seixas Viana<sup>1</sup>, Joeliton Matos Prata<sup>1</sup>, Luma Sousa Dias<sup>1</sup>, Lucas Silva Lopes<sup>1</sup>, Vanessa Dos Santos Borges<sup>1</sup>, Marlyara Vanessa Sampaio Marinho<sup>1</sup>, Adjanny Estela Santos de Souza<sup>1</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar as produções científicas sobre a saúde sexual de adolescentes no contexto brasileiro. **Métodos:** Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, cuja questão norteadora foi: quais as evidências disponíveis na literatura sobre saúde sexual de adolescentes no contexto brasileiro? Sequencialmente, realizou-se uma busca de artigos nas bases de dados LILACS e SciELO, referente ao período de 2018 a 2022, utilizando-se dos seguintes descritores: "Adolescente"; "Educação"; "Prevenção"; "Promoção da saúde"; "Saúde sexual". **Resultados:** Foram selecionados 14 artigos, considerando os critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Verificou-se durante a leitura a importância de destacar quatro categorias que permeiam a saúde sexual na adolescência, sendo elas: 1) Introdução sobre a saúde sexual na adolescência; 2) Infecções Sexualmente Transmissíveis, 3) Tecnologias educativas como ferramentas de promoção à saúde e 4) Ações educativas para escolares sobre saúde sexual. **Considerações Finais:** A saúde sexual demanda de uma educação sexual preferivelmente prévia à sexarca, a fim de trazer para os adolescentes informações e conhecimentos sobre como manter a homeostasia dentro do contexto sexual evitando assim malefícios que podem perdurar por toda a vida.

**Palavras-chave:** Adolescente, Saúde Sexual, Adolescência, Escola.

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze scientific productions on the sexual health of adolescents in the Brazilian context. **Methods:** This is an Integrative Literature Review (RIL) of a descriptive nature, with a qualitative approach, whose guiding question was: what evidence is available in the literature on adolescent sexual health in the Brazilian context? Sequentially, a search for articles was carried out in the LILACS and Scielo databases, referring to the period from 2018 to 2022, using the following descriptors: "Adolescent"; "Education"; "Prevention"; "Health promotion"; "Sexual health". **Results:** 14 articles were selected, considering the pre-established inclusion and exclusion criteria. During reading, it was verified the importance of highlighting four categories that permeate sexual health in adolescence, namely: 1) Introduction to sexual health in adolescence; 2) Sexually Transmitted Infections; 3) Educational technologies: health promotion tools and 4) Educational actions for schoolchildren on sexual health. **Final Considerations:** The sexual health demands

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), Santarém - PA.

sexual education, preferably prior to sex, in order to provide adolescents with information and knowledge on how to maintain homeostasis within the sexual context, thus avoiding harm that can last throughout their lives.

**Keywords:** Adolescent, Sexual Health, Adolescence, School.

## RESUMEN

**Objetivo:** analizar producciones científicas sobre la salud sexual de adolescentes en el contexto brasileño. **Metodos:** Se trata de una Revisión Integrativa de la Literatura (RIL), de carácter descriptivo, con enfoque cualitativo, cuya pregunta orientadora fue: ¿qué evidencia está disponible en la literatura sobre salud sexual adolescente en el contexto brasileño? Secuencialmente, se realizó una búsqueda de artículos en las bases de datos LILACS y Scielo, referidas al período de 2018 a 2022, utilizando los siguientes descriptores: "Adolescente"; "Educación"; "Prevención"; "Promoción de la salud"; "Salud sexual". **Resultados:** Se seleccionaron 14 artículos, considerando los criterios de inclusión y exclusión preestablecidos. Durante la lectura, se verificó la importancia de resaltar cuatro categorías que permean la salud sexual en la adolescencia, a saber: 1) Introducción a la salud sexual en la adolescencia; 2) Infecciones de Transmisión Sexual; 3) Tecnologías educativas: herramientas de promoción de la salud y 4) Acciones educativas para escolares sobre salud sexual. **Consideraciones finales:** La salud sexual demanda educación sexual, preferentemente previa al sexo, con el fin de brindar a los adolescentes información y conocimientos sobre cómo mantener la homeostasis dentro del contexto sexual, evitando así daños que pueden perdurar durante toda su vida.

**Palabras clave:** Adolescente, Salud Sexual, Adolescencia, Escuela.

## INTRODUÇÃO

A adolescência compreende-se entre os períodos de 10 a 19 anos, contudo, isso não é uma regra tendo em vista que o desenvolvimento de valores, comportamentos e hábitos podem estar fora dessa faixa etária. Quando o indivíduo atinge a fase da adolescência, passa por inúmeras mudanças como: mudanças físicas, psíquicas, comportamentais e maturidade sexual. Tais alterações acabam despertando o interesse por novas experiências, o que gera riscos principalmente, às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e à gravidez na adolescência, consideradas um problema de saúde pública em todo o mundo causando prejuízos na saúde sexual e reprodutiva, que na maioria das vezes ocasionam problemas sociais, econômicos e emocionais (FRANCO MS, et al., 2020).

Vários fatores influenciam na vulnerabilidade dos adolescentes às IST e gravidez indesejada, como, por exemplo, a baixa escolaridade, condições socioeconômicas desfavoráveis, início sexual precoce, inacessibilidade aos métodos contraceptivos, políticas públicas fragilizadas, diferença de gênero, múltiplos parceiros sexuais e à falta de acesso às informações sobre o assunto. Em estudo de revisão sobre os fatores associados a comportamentos sexuais de risco, foi evidenciado que o uso de álcool e drogas elevam o número de relações sexuais desprotegidas. Tendo em vista todas as vulnerabilidades, essas questões são preocupantes, com a necessidade de discussão desses fatores para planejar possíveis intervenções (GARCIA EC, et al., 2021).

Sendo assim, faz-se necessário conhecer os aspectos relacionados à saúde sexual dos adolescentes no contexto brasileiro, a fim de subsidiar a implementação de estratégias de promoção da saúde que possam: fornecer a aquisição de novos conhecimentos acerca de métodos contraceptivos, estimular o uso de métodos de prevenção de IST, bem como fortalecer as medidas de autocuidado. Essa promoção se dá principalmente pela educação em saúde, na tentativa de garantir aos adolescentes o direito de viver a sexualidade de uma forma mais segura (COSTA MIF, et al., 2019).

O objetivo deste estudo foi analisar as produções científicas sobre a saúde sexual de adolescentes no contexto brasileiro.

## MÉTODOS

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. Para Souza MTD, et al. (2010), a RIL é uma metodologia que permite que o conhecimento e a informação possam ser sintetizados de uma forma mais consistente, deixando essas informações dispostas conforme a intenção de aplicabilidade dos resultados.

Desde 1980, esse é um método de pesquisa bastante utilizado, principalmente no que tange à Prática Baseada em Evidências (PBE). Ademais, esse recurso metodológico tem o intuito de agregar informações persistentes de uma determinada temática estudada e conseqüentemente compreensões e reflexões. Foram utilizadas cinco etapas intrínsecas ao processo, sendo elas: a construção da questão da pesquisa, a busca na literatura, a categorização dos estudos incluídos na revisão, interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

Para conduzir a revisão integrativa utilizou-se o acrônimo PICO e formulou-se a seguinte questão de revisão: quais as evidências disponíveis na literatura sobre saúde sexual de adolescentes no contexto brasileiro? Nos meses de janeiro e fevereiro de 2023 ocorreu a busca dos artigos nas bases de dados: LILACS e Scielo.

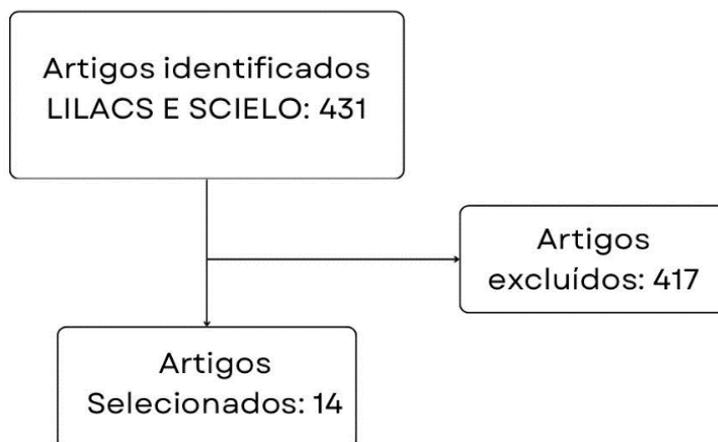
Os critérios de inclusão utilizados para dirigir o estudo foram: artigos científicos nacionais que abordassem o assunto, na língua portuguesa, publicados no período de 2018 a 2022. Os critérios de exclusão foram: artigos incompletos e indisponíveis. Foram utilizados os descritores: “Adolescente”; “Educação”; “Prevenção”; “Promoção da saúde”; “Saúde sexual” com os operadores booleanos “AND” e “OR”.

Para a avaliação dos artigos incluídos na RIL, elaborou-se um quadro analítico com informações extraídas dos estudos selecionados. A apresentação e discussão dos resultados foram feitas de forma descritiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 431 artigos. Após leitura, foram selecionados 14 artigos que atendiam aos critérios propostos pelo estudo. Desses, seis foram do ano de 2022, três de 2021 e outros três de 2020, enquanto do ano de 2019 dois artigos foram selecionados (**Figura 1**).

**Figura 1** - Artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.



Fonte: Viana CS, et al., 2024.

Para análise dos artigos selecionados foi construído um quadro analítico contemplando os tópicos: periódico, autores, ano de publicação, título e síntese dos resultados (**Quadro 1**).

**Quadro 1** – Quadro síntese com informações extraídas dos estudos selecionados.

Código	Periódico Autor (ano)	Síntese dos resultados
P1	<i>Revista de Pesquisa</i> Lima LV, et al. (2022)	Práticas dialógicas e participativas relacionadas às IST, realizadas em grupo, no âmbito escolar, deram-se como preceito teórico do estudo, contribuindo de forma positiva para a adesão e avaliação dos adolescentes.
P2	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i> Santarato N, et al. (2022)	Os achados apontam que o início da prática sexual foi de 21,2% por meio de sexo oral. Já 31,8% relatam a prática do sexo vaginal, tendo início aos 14,5 anos aproximadamente. Por outro lado, cerca de 7,1%, relata a prática de sexo anal, entre 14,4 anos em média.
P3	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i> Bossonario PA, et al. (2022)	Constatou-se que fatores como: sexo feminino, maior idade, grau de escolaridade baixo, pessoas negras, inúmeros parceiros sexuais, uso inadequado de preservativos, iniciação precoce da vida sexual e o consumo de álcool, apresentam-se como fatores de riscos à infecção pelo HIV entre o público de adolescentes.
P4	<i>HU Revista</i> Pereira LM, et al. (2022)	O nível de conhecimento geral da amostra foi classificado como satisfatório (70,3% de acertos), no entanto, algumas questões como testagem de HIV e aconselhamento sobre sexualidade na escola apresentaram frequência de acerto insatisfatória.
P5	<i>Acta Paulista de Enfermagem</i> Tavares MKB, et al. (2022)	A vulnerabilidade dos usuários de aplicativos de encontro não esteve associada com a orientação sexual.
P6	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i> Leite PL, et al. (2022)	O podcast foi validado para educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e constitui uma ferramenta para as práticas de profissionais de saúde, particularmente os enfermeiros, bem como uso autônomo pelos adolescentes.
P7	<i>Revista Ciência &amp; Saúde Coletiva</i> Spindola T, et al. (2021)	Observa-se o reconhecimento dos universitários como público vulnerável na obtenção de infecções transmitidas em decorrência do sexo desprotegido, visto que o nível de conhecimento a respeito do assunto apresenta-se insuficiente, dessa maneira, os jovens assumem papel sexual de risco dentro do contexto social.
P8	<i>Escola Anna Nery Revista</i> Vieira KJ, et al. (2021)	A prevalência da atividade sexual foi 47,3%, com idade média da sexarca de 14,1 anos, e tendência de iniciação sexual precoce no sexo masculino. Um terço das primeiras relações sexuais foram desprotegidas (33,9%).
P9	<i>Revista Avances en Enfermería</i> Dourado JVL, et al. (2021)	Os estudos demonstram que as tecnologias têm se tornado ferramentas potencializadoras para o processo de ensino-aprendizagem com adolescentes.
P10	<i>Revista Ciencia y Enfermería</i> SOUZA SO, et al. (2020)	Em geral, os resultados relacionaram-se com categorias como: sentimento de invulnerabilidade às IST/HIV/AIDS; relação de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS e sexualidade, rede social e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS.
P11	<i>Acta Paulista de Enfermagem</i> Ferreira AGN, et al. (2020)	Foi desenvolvido um website envolvendo conteúdos como religião, adolescência, sexualidade, IST e principais dúvidas, com objetivo de abordar esses temas a adolescentes católicos.
P12	<i>Acta Paulista de Enfermagem</i> Silva SMDT, et al. (2020)	A média de conhecimento é de 18,6, sendo as áreas em que os adolescentes apresentam menores conhecimentos a seguinte: “Primeira relação sexual e relações sexuais”; “Prevenção da gravidez”; e “Aconselhamento e atendimento em saúde e reprodutiva”.
P13	<i>Revista Nursing</i> Ribeiro WA, et al. (2019)	O desconhecimento dos métodos contraceptivos se mostra como o principal agravante para que ocorra a gravidez na adolescência. Nesse cenário, a gestação é um fator determinante, que dificulta a continuação dos estudos, o que afeta a trajetória educacional do jovem.
P14	<i>Revista de APS</i> Silva RP, et al. (2019)	Estratégias de educação em saúde com adolescentes foram consideradas positivas.

Fonte: Viana CS, et al., 2024.

Foram criadas quatro categorias capazes de sinalizar as evidências científicas disponíveis na literatura sobre a saúde sexual de adolescentes no Brasil.

### **Categoria 1 – Introdução sobre saúde sexual na adolescência**

Os artigos P8, P12 e P13 abordaram sobre saúde sexual na adolescência.

Para P13, as meninas possuem mais conhecimento que os meninos quando o assunto é a saúde sexual. Porém, isso não indica que essas adolescentes terão uma conduta consciente, no entanto, possuem uma maior probabilidade de um comportamento minimizador de riscos. Isso também é demonstrado nos estudos de P8, em que evidencia que são as meninas que apresentam mais conhecimentos em relação aos métodos contraceptivos e também ao entendimento de que a forma mais segura de se proteger de IST é usando o preservativo. Contudo isso não condiz com a prática, pois o uso de preservativo mostra-se menor quando comparado com o uso de contraceptivos orais e de emergência. A pesquisa de Silva MRB, et al. (2015), relata que esse conhecimento acerca dos métodos contraceptivos muitas vezes mostra-se superficial, pois, muitos jovens demonstram saber o que é, mas isso não significa que os mesmos compreendam a importância desses métodos, o que resulta em um comportamento sexual de risco.

De acordo com P13, a maioria das adolescentes que acabam engravidando possuem menor escolaridade, e não receberam de seus pais as orientações ou algum tipo de informação sobre métodos contraceptivos. Segundo P12, nessa fase existe uma carência de conhecimento entre os adolescentes, em assuntos como primeira relação sexual e preocupações sexuais. A maioria dos jovens vive com os pais, mais não necessariamente essa presença paterna ou materna vai impactar no conhecimento desse jovem sobre sexualidade, em compensação quando existe a presença de outros membros familiares como os avós e padrastos, é possível identificar um nível de conhecimento maior desses adolescentes que fazem parte desse ciclo familiar. Por outro lado, quando não existe a participação da família, os jovens acabam buscando informações em outras fontes, como o ciclo de amigos e a internet, isso ocorre em virtude de uma ausência ou até uma deficiência na comunicação entre os pais e os filhos quando o assunto é sexualidade. Isso vai de encontro aos achados de Barbosa LU, et al. (2019), em que se demonstra um certo receio e despreparo por parte dos responsáveis em abordar o assunto sexualidade com seus filhos, o que faz com que muitos optem pelo silêncio.

### **Categoria 2 - Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**

As infecções sexualmente transmissíveis são causadas por agentes etiológicos, podendo ser: vírus, bactérias, fungos e protozoários. De acordo com Moreira GBC, et al. (2021), em 2017, houve uma redução nas taxas de conhecimento acerca dos fatores de risco de transmissão e os possíveis impactos na vida de uma pessoa portadora de uma IST. Indo de encontro com os estudos de P1, os quais revelam que as IST ainda se apresentam como um risco no mundo para a população, acometendo principalmente a faixa etária de 13 a 19 anos, devido a alguns fatores: ineficácia das políticas públicas, condições socioeconômicas frágeis, diferença de gênero, dificuldade de acesso e comunicação com o serviço de saúde, início da sexarca precoce associado ao pouco conhecimento sobre IST, evidenciando que os adolescentes tem conhecimento limitado sobre as formas de transmissão das IST (Souza AES, et al. 2023).

Nesse tocante, nos estudos de P10, fica notório que a vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS é maior em adolescentes tendo um destaque no público feminino e pode ser proveniente de vários fatores como: 1- sentimento de não ser vulnerável às IST/HIV/AIDS, esse fato que gera um problema tendo em vista que o indivíduo que não se sente vulnerável a determinada doença, conseqüentemente não adota métodos preventivos; 2- Relação de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS, quando se trata dessa questão ainda é um tabu para adolescentes do sexo feminino falarem com seus parceiros sobre contraceptivos e preservativos, devido às relações de gêneros desiguais advindas das construções culturais estereotipadas, isso acarreta também a submissão à vontade masculina; 3- Redes de apoio em déficit, a falta de informação sobre a temática se torna um malefício para a saúde do jovem principalmente os menos favorecidos, os quais deveriam ter acesso ao conhecimento amplo sobre as IST por meio dos pais, escolas e profissionais da saúde.

Quando se trata de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, P7 apresenta duas questões de suma importância: a preocupação dos jovens com a prevenção de IST (conhecimentos e receios) e o uso de preservativos nos relacionamentos afetivos dos jovens. No primeiro tópico, é perceptível que a maioria das

pessoas só tem conhecimento de determinadas doenças, deixando em aberto a obtenção de informação sobre as outras IST, além de não reconhecer a gravidade de adquirir uma IST e achar que nada vai acontecer, pois a doença tem tratamento, mesmo tendo a maioria conhecimento sobre a prevenção. No segundo tópico, é revelado que o tipo de relação afetiva determina o uso ou não de preservativo, dessa forma em relações nas quais o (a) parceiro (a) sexual é fixo é deixado de lado o uso de preservativos, entretanto quando as relações são esporádicas os jovens relatam que o uso é necessário. Já nos estudos de Brasil ME, et al. (2019), é relatado que sem o conhecimento adequado sobre a temática, muitos adolescentes apenas copiam os passos de algum amigo que já iniciou a atividade sexual, e isso é preocupante devido ele não ter nenhuma preparação pessoal aumentando a vulnerabilidade.

Conforme os estudos de P2, o assunto saúde sexual fica centralizado apenas em contracepção e prevenção de IST e HIV e como isso pode repercutir negativamente no meio educacional, econômico e social, demonstrando uma imposição e punição.

Contudo, na maioria das vezes o aprendizado acerca das mudanças físicas, mentais e comportamentais, acaba acontecendo por meio de pesquisas individuais, principalmente na internet. Esse fato gera uma preocupação, pois somente a oferta de informação é insuficiente para a promoção preventiva da saúde. Nesse contexto, é importante incentivar a reflexão contínua, o olhar crítico e o autocuidado, podendo ser usada a consulta de enfermagem na qual o profissional irá explicar sobre a temática IST e incentivar o uso de preservativos, porém sempre respeitando o livre arbítrio do paciente.

No estudo de P3 relacionado aos fatores de risco à infecção pelo HIV entre adolescentes, constatou-se que apesar das pessoas com mais idade terem mais risco de contrair HIV, a iniciação sexual precoce e sem preservativo é um fator de predisposição e vulnerabilidade para o HIV em jovens.

Nessa conjuntura, segundo P1, há uma necessidade inegável de intervenções por meio de diálogos em prol da promoção à saúde e prevenção do HIV/IST, reconhecendo assim conhecimento frágil sobre a temática e demandando estratégias educativas para desmistificar alguns pontos, quebrar o tabu, e estimular medidas preventivas.

### **Categoria 3 - Tecnologias educativas: ferramentas de promoção à saúde**

Gubert FA, et al. (2009), descreve as tecnologias como “processos, concretos que, a partir de uma experiência cotidiana e da pesquisa, podem desenvolver um conjunto de atividades que serão produzidas e controladas pelos seres humanos, podendo ser veiculados como artefatos ou como saberes”. As tecnologias vêm sendo utilizadas no âmbito educacional, sendo vista como uma ferramenta útil e um método bastante eficaz para promoção da saúde, apta a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem em saúde (PEREIRA LM, et al., 2021).

Como abordado anteriormente, a adolescência é um momento de constante transformação na qual indivíduos apresentam-se mais vulneráveis às condições de saúde e doença. As tecnologias de informação, por sua vez, estão cada vez mais presentes no cotidiano desses indivíduos, podendo ser importantes aliadas e fator potencial de empoderamento, proporcionando o desenvolvimento da autonomia no processo de saúde, doença e cuidado (CAVALCANTE RB, et al., 2017).

O crescente uso de materiais eletrônicos por esse grupo também preocupa profissionais da saúde, dentre os motivos, estão possíveis impactos nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, embasados no fato de que esses indivíduos ainda se encontram em desenvolvimento e crescimento. Desse modo, o desenvolvimento de tecnologias em atividades educativas precisa ser feito de forma responsável a fim de não ter efeitos inesperados (P9).

P6 aplica as tecnologias de educação para promoção da saúde do adolescente através do uso de um podcast com intuito de facilitar o acesso de adolescentes às informações envolvendo saúde sexual e reprodutiva. P9 identificou ainda que os recursos eletrônicos são os meios mais utilizados para desenvolver essas atividades, destacando os programas de computador, multimídia, música, filmes, web, aplicativo, smartphone, série online e jogo eletrônico.

O uso de tecnologias para fins educativos demonstra-se como prática potencializadora nas ações de ensino-aprendizagem, visto que se inserem como uma ferramenta simplificadora e dinamizadora de aprendizado (P9; P6; P11). P11 aborda a construção de um website sobre sexualidade e prevenção de IST no ambiente, além de conter informações sobre o tema também permite sanar outras dúvidas garantindo o anonimato do usuário, essa fórmula facilita ainda mais práticas de promoção da saúde.

#### **Categoria 4 - Ações educativas para escolares sobre saúde sexual**

Evidenciou-se ao longo do estudo que os artigos P1, P4 e P14 interligam-se, visto que abordam assuntos relacionados a ações educativas para escolares sobre saúde sexual.

Segundo P1, as ações relacionadas à saúde sexual, as quais abordam o contexto da adolescência, têm-se intensificado dentro da literatura brasileira, visto que possibilitam a participação e diálogo entre os escolares, viabilizando o exercício da sexualidade e orientando-os em relação aos seus direitos sexuais.

Nessa perspectiva, Barreto RM, et al. (2016), em seus estudos, verificou que dentre os inúmeros grupos que merecem atenção ao que diz respeito a educação em saúde no cenário da atualidade, destaca-se a adolescência, que por sua vez, passou a ser alvo de estudos e também, receber um olhar mais atencioso em termos de saúde. Dessa maneira, é evidente a implementação dessas ações no ambiente escolar como forma de modificar o cenário de saúde sexual dos adolescentes dentro da sociedade.

De acordo com P14, urge a necessidade de preparo dos adolescentes para lidar com as vulnerabilidades pelas quais podem estar expostos. Assim, a utilização de estratégias e metodologias ativas em saúde, no âmbito educacional, são de suma importância para contribuir com o autoconhecimento dos estudantes e intensificar a capacidade dos mesmos, estimulando a inteligência, sensibilidade e compreensão a fim de torná-los aptos a lidar com diversos problemas, como, por exemplo os que estão relacionados ao contexto da sexualidade.

Conforme P4, em relação ao viés de promoção de saúde, é importante a autonomia dos indivíduos sobre a sexualidade através da educação. Nesse sentido, durante a adolescência, assuntos que retratam a saúde sexual devem ser discutidos de maneira ampliada, afastando-se de julgamentos e respeitando os direitos de cada um. Desse modo, ao abordar jovens sobre o contexto da sexualidade, é necessário utilizar estratégias que viabilizem a aprendizagem por meio da troca de informações e aquisição de saberes. (QUEIROZ MVO, et al., 2016).

Em seus estudos, P14 destaca que para o cuidado em saúde sexual entre os estudantes, a utilização de estratégias intersetoriais e integradas contribuem para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Além disso, o debate em grupo nas escolas é benéfico, pois facilita o diálogo, sendo um método ativo capaz de gerar conhecimentos através da troca de informações entre os indivíduos. P4 identificou que projetos e programas educativos que estabelecem a comunicação entre os estudantes abrangem resultados positivos sobre a saúde sexual dos adolescentes, evidenciando a redução de infecções sexualmente transmissíveis, como também o aumento no número de uso dos métodos contraceptivos.

P14 relata em suas abordagens que ações como oficinas educativas são estratégias capazes de promover a abertura do indivíduo e da coletividade frente às situações que influenciam a saúde, permitindo a formação da educação coletiva e a união de reflexões. Evidencia-se a utilização de questionários; método freiriano, através do círculo de cultura; e o diário de campo como estratégias educativas para escolares. Ademais, observam-se outras alternativas educativas, utilizadas em menor proporção, como o uso de filmes e vídeos, jogos educativos e aulas expositivas.

Diante disso, as escolas apresentam-se como um dos principais espaços de intervenção sobre saúde sexual na adolescência, P4 reforça o ambiente escolar como meio essencial capaz de oportunizar a educação em saúde sexual e o cuidado dos adolescentes, contribuindo para o amplo conhecimento de cada estudante. Portanto, a construção coletiva de saberes e a criação de vínculos que possibilitam o protagonismo e autonomia dos adolescentes apresentam-se como ferramentas primordiais na adesão à participação de práticas educacionais a partir das análises relacionadas aos estudos de P1.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se o papel da família e escola como essenciais no processo educacional de saúde sexual dos adolescentes, dado que, através do diálogo, a troca de informações estabelece a abertura desse público ao assunto, fortalecendo a quebra de tabus e permitindo a esses jovens vivenciar essa fase cheia de descobertas com segurança, evitando agravos que podem repercutir por toda a vida, como, o risco a infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Ademais, o uso de tecnologias educacionais são ferramentas aptas a contribuir com a promoção da saúde dos adolescentes. Portanto, é importante trabalhar a educação sexual com adolescentes de forma complementar envolvendo família e escola, utilizando estratégias que visem identificar os inúmeros contextos voltados para a saúde sexual dos adolescentes, a fim de garantir a eficácia e integralidade no conhecimento sobre o tema, contribuindo com a autonomia desses jovens, fortalecendo o cuidado e prevenção.

## REFERÊNCIAS

1. BARBOSA LU, et al. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 2019; 12(2).
2. BARRETO MAB, et al. Ações educativas em saúde para o público adolescente: uma revisão integrativa. *Revista de APS*, 2016; 19 (2).
3. BOSSONARIO PA, et al. Fatores de risco à infecção pelo HIV entre adolescentes e jovens: revisão sistemática. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2022; 30.
4. BRASIL ME, et al. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 2019; 13; e242261.
5. CAVALCANTE RB, et al. Inclusão digital e uso de tecnologias de informação: a saúde do adolescente em foco. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 2017; 22(4): 03–21.
6. COSTA MIF, et al. Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019; 72: 1595-1601.
7. DOURADO JVL, et al. Tecnologias para a educação em saúde com adolescentes: revisão integrativa. *Avances en Enfermería*, 2021; 39 (2): 235-254.
8. FERREIRA AGN, et al. Website sobre sexualidade e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis para adolescentes católicos. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2020; 33.
9. FRANCO MS, et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. *Rev. Enferm. UFPE online*, 2020: 1-8.
10. GARCIA EC, et al. Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. *Escola Anna Nery*, 2021; 26.
11. GUBERT FA, et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza - CE. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*. 2009;11(1):165-72.
12. LEITE PL, et al. Construção e validação de podcast para educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2022; 30: e3706.
13. LIMA LVD, et al. Práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão realista. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, 2022; e11755.
14. MOREIRA GBC, et al. Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, 2021; 5(1): 59-66.
15. PEREIRA LM, et al. Tecnologias Educacionais para Promoção da Saúde de Adolescentes: Evidências da Literatura. *Rev Enferm UFPE online*, 2021; 15:247457.
16. QUEIROZ MVO, et al. Participação de adolescentes em ações educativas sobre saúde sexual e contracepção. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 2016; 29: 58-65.
17. RIBEIRO WA, et al. A gravidez na adolescência e os métodos contraceptivos: a gestação e o impacto do conhecimento. *Nursing (São Paulo)*, 2019; 22(253): 2990-2994.
18. SANTARATO N, et al. Caracterização das práticas sexuais de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2022; 30.
19. SILVA MRB, et al. Por que elas não usam?: um estudo sobre a não adesão das adolescentes aos métodos contraceptivos e suas repercussões. *Saúde redes*, 2015; 1(4): 75-83.
20. SILVA RP, et al. Avaliação das estratégias de educação em saúde com adolescentes. *Revista de APS*, 2019; 22(2).

21. SILVA SMDT, et al. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2020; 33.
22. SOUZA AES, et al. Conhecimento de estudantes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, 2023; 6(2): 6223-6237.
23. SOUZA MTD, et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 2010; 8: 102-106.
24. SOUZA SO, et al. Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório. *Ciencia y enfermería*, 2020; 26.
25. SPINDOLA T, et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2021; 26: 2683-2692.
26. TAVARES MKB, et al. Educação sexual e vulnerabilidade de usuários de aplicativos, comparações a partir da orientação sexual. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2022; 35: eAPE01397.
27. VIEIRA KJ, et al. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. *Escola Anna Nery*, 2021; 25.